

O ECUMENISMO NOS PADRES DA IGREJA

Vital Corbellini*

Resumo

O artigo mostra a importância do ecumenismo na visão dos Padres da Igreja. Eles tiveram que aprofundar as verdades cristãs diante das divisões eclesiológicas e das heresias trinitárias, desdobradas sobretudo em relação ao Filho e ao Espírito Santo. O ecumenismo foi a busca da unidade na Igreja que, nos primeiros sete séculos, possibilitava uma única visão tanto no Oriente como no Ocidente. O ecumenismo dos Padres pode iluminar a caminhada atual em vista da unidade de fé e de amor em Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo Semeador. Unidade. Amor entre os cristãos. Jesus Cristo: única pessoa e duas naturezas.

Abstract

In this article is shown the importance of oecumenism in the view of the Church's Fathers. They had to study intensively the Christian truths concerning the ecclesiological division and the trinitary haereses, related, specially to the Son and the Holy Ghost. Oecumenism intended the unity of the Church which in the first seven centuries made possible one unique comprehensionin, East and West. The oecumenism of the Fathers may illuminate the actual situation aiming unity of the faith and the Love to Jesus Christ.

KEYWORDS: *Jesus as sower. Unity. Love among Christians. Jesus Christ: one person and two natures.*

Introdução

O ecumenismo é um dos aspectos importantes da vida eclesial, da ação da Igreja e das Igrejas, que acreditam em Jesus Cristo, Filho de Deus, Filho do Homem e Salvador da humanidade. Nessas últimas

* Pe. Doutor em Teologia Patrística.

décadas, fizeram-se grandes esforços para a busca da unidade dos cristãos, tentando a superação das divisões, provocadas no passado pelas inimizades, a busca do poder, a falta de testemunho de vida e amor. O Vaticano II deu um grande realce à prática ecumênica expressado no Decreto sobre o Ecumenismo, a *Unitatis Redintegratio*. Ultimamente fala-se bastante de ecumenismo espiritual, que é a conversão do coração, a santidade de vida, as orações privadas e públicas em vista da unidade dos cristãos. Tudo isso se constitui como a alma de todo o movimento ecumênico o qual se chama de ecumenismo espiritual¹. É na eucaristia, o lugar privilegiado para rezar pela unidade, porque toda eucaristia celebra a unidade. A comunhão eucarística e a comunidade eclesial estão ligadas intimamente entre si, ainda que desacordos em matéria de fé e os vínculos não estão plenamente restabelecidos. No entanto, progressos significativos realizaram-se para uma comum compreensão para os elementos constitutivos da fé e também no verdadeiro significado da ceia do Senhor².

A prática ecumênica dos Padres da Igreja ajuda o momento atual na unidade das Igrejas de Jesus Cristo. Alguns autores cristãos da Antiguidade dão uma luz para caminhar em direção à unidade dos cristãos tão almejada, tão rezada. Fazendo uma análise, vamos perceber o esforço dos Padres em manter a Igreja unida, superando as divisões que apareciam, ou devido à radicalização de doutrinas, ou mesmo pela busca do poder, fatores que provocaram a desunião das Igrejas.

1 As atuações de Clemente Romano, Inácio de Antioquia e Policarpo

No primeiro século, Clemente escreveu uma carta à comunidade de Coríntio, advertindo-a à unidade, porque houve uma revolta contra os seus dirigentes, os presbíteros e os bispos, os eleitos de Deus. Se o nome deles foi importante, no passado, agora tinha uma outra conotação³. O bispo de Roma pede o esforço de todos para a prática de toda obra boa⁴.

¹ Cf. W. KASPER. *L'Ecumenismo Spirituale. Linee-guida per la sua attuazione*. Roma: Città Nuova, 2006, p. 14. Ver também: UR, 8.

² Cf. W. KASPER. *L'Ecumenismo Spirituale. Linee-guida per la sua attuazione*, p. 62-64.

³ Cf. *Primeira Carta de Clemente aos Coríntios* 1, 1. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

⁴ Cf. *Idem*, 33.

Jesus Cristo é o protetor e o auxílio da nossa fraqueza. Mediante ele, nossa mente obtusa e obscura refloresce para a luz⁵. Clemente conclama a todos à obediência e à unidade.

Outro autor que ajudou a unidade da Igreja foi Inácio de Antioquia. Ele falou nas suas cartas sobre a necessidade da unidade da Igreja na pessoa do bispo. Tudo deveria ser feito em união com ele⁶. Na sua visão, os bispos são a imagem do Pai, os presbíteros a imagem dos apóstolos, e os diáconos os servidores de Jesus Cristo⁷. Ele desejava que todos trabalhassem pela unidade da Igreja diante dos gnósticos, docetas, os judaizantes os quais buscavam a divisão na comunidade. A unidade é dada, sobretudo, pela eucaristia onde há um só pão em Jesus Cristo, um só cálice e um altar⁸. Inácio diz também ser preciso formar um só coro, tomando na unidade o tom de Deus, cante-se a uma só voz um hino ao Pai, como membros de Jesus Cristo. Para isso é preciso a unidade na comunidade para participar de Deus⁹.

Policarpo, bispo de Esmirna, martirizado em 156, admoestava as comunidades cristãs, para que evitassem os ensinamentos falsos. “Quem não confessa que Jesus Cristo veio na carne é anticristo; aquele que não confessa o testemunho da cruz é do diabo; aquele que distorce as palavras do Senhor, segundo seus próprios desejos, e diz que não há ressurreição, nem julgamento, esse é primogênito de satanás”¹⁰. No seu tempo, alguns grupos possuíam doutrinas contrárias àquelas provenientes da tradição eclesial, as quais provocavam divisão na comunidade. Ele realça o amor fraternal como caminho para a superação das divisões dos grupos formados. O seguimento de Jesus Cristo aponta para o amor à fraternidade, a união na verdade, a superação do desprezo das pessoas¹¹. O bem deve ser realizado sempre, não o deixando para depois, de modo que Deus seja louvado pelas boas obras¹².

⁵ Cf. *Ibidem*, 36.

⁶ Cf. *Inácio aos Esmirnotas*, 8, 1. In: *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

⁷ Cf. *Inácio aos Tralianos*, 3, 1.

⁸ Cf. *Inácio aos Filadelfienses*, 4.

⁹ Cf. *Inácio aos Efésios*, 4, 2.

¹⁰ *Policarpo aos Filipenses*, 7, 1. In: *Padres Apostólicos*.

¹¹ Cf. *Idem*, 10, 1.

¹² Cf. *Ibidem*, 10, 2.

2 A Carta a Diogneto, Aristides e Atenágoras de Atenas, Justino e Ireneu de Lião

Traços de ecumenismo puderam notar-se também no II século. A carta a Diogneto sempre impressionou os autores antigos e modernos pela conotação objetiva dos cristãos. As formas como esses viviam possibilitavam um testemunho de vida social admirável. Eles não queriam a divisão na comunidade, mas a fraternidade. Por isso, esse escrito diz que os cristãos “vivem na sua pátria, como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira”¹³. Eles estão, não num único lugar, mas em diversos; assim como a alma está nas partes do corpo humano assim também os cristãos estão nas cidades do mundo¹⁴.

Aristides de Atenas coloca a prática dos cristãos diante dos pagãos, pela acolhida das pessoas, a realização do bem aos inimigos, a superação do desprezo da viúva e do órfão. Os cristãos “estão dispostos a doar a vida por Cristo, pois guardam com firmeza os seus mandamentos, vivendo santa e justamente conforme ordenou o Senhor Deus, dando-lhe graças em todo momento pela comida, bebida e os outros bens”¹⁵. Outro autor da mesma cidade, Atenágoras, refere a unidade dos cristãos, por viverem-na diante do politeísmo. Esse tem presente a afirmação da fé monoteísta: “Admitimos um só Deus, incriado, eterno e invisível, impassível, incompreensível, e imenso”¹⁶. Os cristãos não são ateus, mas acreditam no Deus uno e trino: “Quem não se surpreenderá ao ouvir chamar de ateus indivíduos que admitem um Deus Pai, um Deus Filho e um Espírito Santo, que mostram seu poder na unidade e sua distinção na ordem?”¹⁷.

Ainda no II século, Justino falava das sementes semeadas aos gregos, isto é, os filósofos: o *Lógos Spermatikós* onde o Verbo semeou, antes da sua vinda ao mundo, coisas boas em meio aos pagãos. Eles não viram tudo, porém perceberam alguma coisa de significativo que deveria ocorrer no futuro. A semente do Verbo encontra-se no interior, ingênita no gênero humano, de modo que muitos viveram com o Verbo, ainda que não tivessem um conhecimento maior da revelação¹⁸. Ele também fala

¹³ Cf. *Carta a Diogneto*, 5, 5. In: *Padres Apologistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

¹⁴ Cf. *Idem*, 6, 2.

¹⁵ *Aristides de Atenas. Apologia*, 15, 8. In: *Padres Apologistas*.

¹⁶ *Atenágoras de Atenas. Petição em favor dos cristãos*, 10. In: *Padres Apologistas*.

¹⁷ *Idem*, 10.

¹⁸ Cf. *Justino de Roma, II Apologia*, 7(8). São Paulo: Paulus, 1995.

da conformidade cristã em relação à paz entre os povos. “Somos vossos melhores ajudantes e aliados para a manutenção da paz, pois professamos doutrinas, como a de que não é possível ocultar de Deus o malfeitor, o avaro, o conspirador ou o homem virtuoso, e que cada um caminha para o castigo ou salvação eterna, conforme o mérito de suas ações”¹⁹.

Justino manteve contatos com o judaísmo do qual o cristianismo provinha de Jerusalém. O rabino Trifão, como também o próprio judaísmo, levantavam dúvidas em relação à encarnação do Verbo. Trifão diz a Justino: “Estás tentando demonstrar algo incrível e pouco menos que impossível, isto é, que Deus poderia suportar nascer e tornar-se homem”²⁰. Justino a esse dado do rabino responde pelas próprias Escrituras. Os judeus as citavam, falavam dessas coisas. “Se lhes citamos Escrituras que demonstram expressamente que o Cristo há de ser ao mesmo tempo passível e adorável e Deus – são essas que citei a vós –, concordam que se referem a Cristo”²¹ o qual se encarnou e entrou na história humana. Ecumenismo é o diálogo com o diferente em vista da unidade, e o único Salvador é Jesus Cristo.

Ireneu de Lião aparece no final do II século o qual se confrontou com os sistemas gnósticos que mantinham a dualidade nas concepções das coisas e dos seres: céu e terra, espiritual e material, Deus e mundo, alma e corpo, luz e trevas, de modo que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. O gnosticismo estava sempre em busca de prosélitos junto às comunidades cristãs, fator que provocava a desunião na comunidade. Esse autor fala da unidade em Deus Pai, Criador de tudo, pelo qual fez todas as coisas no seu Verbo e que, nesses últimos tempos, se fez homem entre os homens, para unir o fim ao princípio, a criatura com Deus e na união do Espírito Santo o ser humano tenha acesso à glória do Pai²². Ele tem presente a unidade das Escrituras, do Antigo com o Novo Testamento. “Com o Novo Testamento, previsto e anunciado pelos profetas, era indicado aquele que o teria atuado segundo o desejo do Pai; era manifestado da maneira que Deus quis, de modo que os que acreditariam nele pudessem sempre progredir e amadurecer a perfeição da salvação por meio dos dois Testamentos”²³.

¹⁹ *Idem, I Apologia*, 12, 1.

²⁰ *Idem, Diálogo com Trifão*, 68, 1.

²¹ *Idem*, 68, 9.

²² Cf. *Ireneu de Lião*, IV, 20, 4. São Paulo: Paulus, 1995.

²³ *Idem*, IV, 9, 3.

Diante daqueles que se diziam os verdadeiros protagonistas da doutrina cristã e dos heréticos, ele reforça o valor da tradição que tem origem apostólica: “Eles primeiro pregaram e, depois, pela vontade de Deus, transmitiram nas Escrituras, para que fosse para nós fundamento e coluna da nossa fé”²⁴. Dessa forma, ele afirmou a unidade também presente na Sagrada Escritura: “O Verbo, artifice de todas as coisas, que está sentado acima dos querubins e mantém unidas todas as coisas, quando se manifestou aos homens, nos deu um evangelho quadriforme, sustentado por um único Espírito”²⁵.

3 As figuras de Tertuliano, Orígenes, Cipriano

No início do III século, Tertuliano fala da unidade dos cristãos diante dos pagãos. Ele tem presente o culto e a celebração eucarística na sua comunidade como pontos fundamentais pela unidade. Eles se encontravam juntos para ler as Escrituras e fazer os comentários. As palavras da Sagrada Escritura tornam-se alimento para as suas vidas, para melhor viver a fé, a esperança e a caridade²⁶. O amor fraterno entre os cristãos os tornava solícitos um ao outro. Deles os pagãos comentavam: “Vejam, esses diziam, como se amam entre eles” (*Videte, inquit, ut invicem se diligant*)²⁷.

A unidade da doutrina cristã necessita de reforços, de progressos contra os heréticos, porque esses se achavam os únicos herdeiros das palavras de Cristo. O autor africano diz que essa não se faz através de pessoas privilegiadas mas com os que estão em profunda união com as Igrejas fundadas pelos apóstolos, os apóstolos de Cristo e Cristo de Deus. Será considerada falsa toda a doutrina que for contra a unidade das Igrejas, dos apóstolos, de Cristo e de Deus²⁸. Tertuliano também diz que está em comunhão com as Igrejas apostólicas, porque a doutrina pregada por ele e pelas Igrejas não é diferente deles²⁹.

Segundo Tertuliano, a participação na vida comunitária é bem ampla dada por todos os tipos de pessoas. Na comunidade há uma caixa

²⁴ *Ibidem*, III, 1, 1.

²⁵ *Ibidem*, III, 11, 8.

²⁶ TERTULLIANO. *Apologetico*, XXXIX, 3-4. A cura de A. R. BARRILE. Bologna: Arnoldo Mondadori Editore, 1992.

²⁷ *Idem*, XXXIX, 7.

²⁸ Cf. TERTULLIANO. *Contro gli eretici*, XXI, 3. Introduzione, Traduzione e Note a cura di C. MORESCHINI. Roma: Città Nuova, 2002.

²⁹ Cf. *Idem*, XXI, 4.

comum (*arcae genus*) para a qual cada um traz, quando quer e pode, a sua modesta contribuição mensal, porque cada um oferece espontaneamente e ninguém é obrigado a fazê-lo. Este dinheiro da comunidade servia para dar alimento aos necessitados, socorrer meninos, meninas, privados de sustentação e abandonados pelos seus pais, sepultar os mortos, e também ajudar pessoas idosas e naufragos. A comunidade cristã socorre, na medida do possível, os condenados às minas, ou deportados nas ilhas ou relegados nos cárceres (*conflictantur; alumni confessionis suae fiunt*)³⁰. A unidade dos cristãos possibilita a fé em Jesus Cristo, o Salvador da humanidade.

Orígenes também trabalhou pela unidade dos cristãos, da doutrina que vinha dos apóstolos e de Cristo diante de pagãos e heréticos. Ele dizia que a divina doutrina (o cristianismo) é para “pessoas simplórias, vulgares, estúpidas, escravos, mulheres incultas e crianças”³¹. A promessa do Senhor Jesus de estar em meio aos seus discípulos pela qual a missão não se perde com o tempo proporcionou a alegria aos missionários: “Eis que eu estou em meio a vocês todos os dias até ao fim dos séculos” (*Mt 28, 20*). Tais palavras concebem a presença do Senhor para a produção de bons frutos na verdadeira videira, o Cristo de Deus³².

Orígenes tem presente o plano de Deus para com a humanidade diante de Celso que não levava em conta a ação do Salvador no meio da humanidade. “Deus foi enviado aos pecadores”. Um médico foi enviado às pessoas humanas por um rei cheio de humanidade. O Deus *Lógos* foi enviado como médico para todos os pecadores e como mestre dos divinos mistérios³³.

Cipriano lutou muito, após a segunda metade do terceiro século, em vista da unidade da Igreja. Dois grandes problemas tinham surgido: os *lapsi*, aqueles que negaram a fé na perseguição de Décio, e o cisma de Novaciano, em Roma, sendo apoiado por Novato em Cartago. A unidade na vida da Igreja conquista-se pela ação em conjunto pelos cristãos: “É impossível ter Deus por Pai, se não se tem a Igreja por mãe (*habere non potest deum patrem qui ecclesiam non habet matrem*)”³⁴. Dessa forma, ele diz que a pessoa separada da Igreja priva-se das promessas da mesma

³⁰ Cf. TERTULLIANO. *Apologetico*, XXXIX, 5-6.

³¹ ORÍGENES. *Contra Celso*, III, 49. São Paulo: Paulus, 2004.

³² Cf. *Idem*, II, 9.

³³ Cf. *Ibidem*, III, 62.

³⁴ CYPRIEN DE CARTHAGE. *L'Unité de L'Église*, 6 (SCh 500). Apparats, Notes, Appendices et Index, P. MATTEI. Paris: Les Éditions du Cerf, 2006.

(Igreja) e de Cristo no qual se torna um estrangeiro, um profano, um inimigo³⁵.

Esse autor compara a Igreja com a arca de Noé na qual ninguém, fora dela, se salvou, de modo que também fora da Igreja não há vida e salvação (*vitam non tenet et salutem*)³⁶. É claro que essa expressão deve ser compreendida no tempo, porque a Igreja estava ameaçada pelos cismas. Assim o bispo de Cartago frisou a unidade da Igreja, que deve se realizar ao redor da eucaristia, do bispo e da própria Igreja que reúne a todos.

4 *Regula fidei*

Diante das diversas concepções doutrinárias, que dividiam os cristãos e as suas comunidades, apareceram, no II e III séculos, as regras de fé como confissões que possibilitavam a unidade dos seguidores de Jesus.

Ireneu de Lião fala da presença da Igreja em diversos lugares, onde ela manifesta a fé num único Deus, Criador do céu e da terra, em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação, e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus e o nascimento pela Virgem, e a sua vinda dos céus na glória do Pai para recapitular as coisas e ressuscitar toda carne do gênero humano³⁷.

Tertuliano diz que a *regula fidei* é a especificação das verdades sobre Deus a respeito de todas as coisas, o qual fez as coisas do nada pelo seu Verbo, gerado antes de todas as coisas. É por meio do Filho que o Pai cria o universo. O Verbo é chamado Deus, o qual apareceu aos patriarcas e profetas e, enfim, pelo Espírito Santo, desceu na Virgem Maria, fazendo-se carne no seu ventre, e nascido dela, viveu qual Jesus Cristo. Fez grandes prodígios, foi crucificado e no terceiro dia ressuscitou dos mortos e sentou-se à direita do Pai. Mandou no seu lugar o poder do Espírito Santo para guiar os fiéis e deverá voltar para julgar os vivos e os mortos. Essa regra ensinada por Cristo não é submetida a nenhuma indagação³⁸. As regras contribuíram para a unidade da doutrina e de fé em Jesus Cristo, o Salvador da humanidade.

³⁵ Cf. *Idem*, 6.

³⁶ Cf. *Ibidem*, 6.

³⁷ Cf. *Ireneu de Lião*, I, 10, 1.

³⁸ Cf. TERTULLIANO. *Contro gli eretici*, XIII,1-4.

5 A questão donatista e ariana e pneumatômaca

O século IV foi um período de muitas controvérsias doutrinárias. Tudo isso gerou divisões na própria comunidade cristã, partidos de um lado e de outro lado. A divisão na Igreja não trazia alegrias profundas para a vida cristã. Era preciso a unidade. Ao estabelecer a paz com o cristianismo, Constantino interveio nas questões internas da Igreja, porque percebia que a divisão na comunidade eclesial era também divisão no Império romano. A Igreja, através de seus líderes, também se esforçou em vista da unidade.

No início do século IV, surgiu no Norte africano a questão donatista, porque havia dois bispos em Cartago; um, ligado à Igreja de Roma, Ceciliano, e o outro à Igreja fundada por Donato. Dessa forma, o imperador solicitou ao Bispo de Roma, Melcíades, para que convocasse um Sínodo, a fim de analisar a problemática suscitada, pois a comunidade cristã não deveria sofrer as conseqüências da divisão. No final de sua carta, ele manifesta à Igreja católica o devido respeito, para que assim não se suscite em nenhum lugar um cisma ou alguma desavença³⁹. Dois Sínodos foram realizados, um em Roma e o outro em Arles e todos deram razão a Ceciliano, à Igreja ligada ao bispo de Roma.

A doutrina donatista insiste na natureza da verdadeira Igreja, considerando-se os continuadores da Igreja da África que existia antes de Diocleciano. Na realidade, permanecem fundamentalmente uma fraternidade, cujo dever principal é o combate ao demônio. Aspiram ao martírio também voluntariamente procurado.

Este movimento dava um grande valor à figura episcopal, porque ele é intermediário entre o povo cristão e Deus. O bispo é um homem bíblico, que deve ter sempre o evangelho em sua boca e lábios, e o martírio no coração.

Os pontos-chaves dessa doutrina são: a) a Igreja é uma sociedade de santos: são excluídos os pecadores; b) os sacramentos são válidos só se administrados por ministros santos, isto é, pertencentes à Igreja donatista.

Entre as parábolas usadas para demonstrar as teses dos donatistas, preferem aquela do banquete nupcial (cf. *Mt* 22, 14): o convidado sem a veste, isto é, o não-santo, também se pertencente à Igreja, é o católico que vem jogado fora. A Igreja católica reagiu contra o donatismo.

³⁹ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*, X, 5, 18.

Optato coloca que esses (os donatistas), embora adversários, são sempre irmãos: “Vós sois nossos irmãos”⁴⁰. Ele diz também que a Igreja dos donatistas não se compreende nas Igrejas de fundação apostólica⁴¹. Eles não estão no início, porque se formaram nestes últimos anos. Constantino tinha procurado, segundo Optato, a paz com os donatistas, porque até o momento, isto é, o início do IV século, não havia ainda cismas. “A paz, tanto agradável a Deus, habitava junto aos povos cristãos”⁴². Para Optato, a parábola importante é aquela do joio e do trigo (cf. *Mt* 13, 24-30). O campo recebe boas e más sementes pela própria diversidade de sementes. Nem os discípulos podem separar o joio e o trigo, quando crescem, até que Deus em Jesus Cristo separará uns dos outros. Cristo mesmo deixou que crescessem as sementes boas e aquelas semeadas por outros. Quando chegar o tempo da colheita, o Filho de Deus sentar-se-á para julgar e separar o joio e o trigo. Neste mundo a Igreja é *permixta*, por vontade de Cristo, e somente no final haverá a separação, entre justos e injustos⁴³. O alcance da unidade deve superar todos os obstáculos. A Igreja deve abrir-se aos pecadores e esses estão tanto nos católicos como nos donatistas⁴⁴.

Agostinho também trabalhou pela unidade, na Igreja africana, diante dos donatistas. Em suas cartas, ele insiste para que as duas Igrejas não estejam em contínuo confronto entre elas, mas que haja a reconciliação. O fato era que os donatistas batizavam aqueles que vinham do catolicismo. Isso manifestava a exclusividade dos donatistas como a Igreja de Cristo. O bispo de Hipona não permanece em silêncio, porque batizar de novo não anda conforme a tradição da Igreja, uma vez que essa procura a unidade em Cristo. O bispo africano tem medo da atuação dos circunceliões, aliados dos donatistas, que eram um bando de pessoas perigosas, atacavam os católicos, arrasavam as suas Igrejas. Ele convida os donatistas, para que se sentem juntos e discutam as questões, e não através da violência⁴⁵. Agostinho discutiu com os donatistas a respeito do cisma ocorrido. Ele se encontrou em Cirta com o bispo Fortúnio, donatista. Ele mesmo foi ao seu encontro para o debate

⁴⁰ OTTATO DI MILEVI. *La vera Chiesa*, I, 3. Introduzione, Traduzione e Note a cura di L. DATTRINO. Roma: Città Nuova, 1988.

⁴¹ Cf. *Idem*, II, 6.

⁴² Cf. *Ibidem*, II, 15.

⁴³ Cf. *Ibidem*, VII, 2.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, VII, 3.

⁴⁵ Cf. *Lettere di Sant'Agostino*, 33, 4.

das questões na África. O bispo de Hipona sempre teve uma atitude de acolhida pelas pessoas daquela Igreja, no entanto não negava a sua identidade. Ele disse a Fortúnio qual era a Igreja segundo as Escrituras que está em todo mundo e não numa parte da África ou dos africanos. Ele achava que era a sua Igreja, a donatista. No entanto, Agostinho diz se ele e os seus seguidores fossem humildes, teriam dito que é a católica, a verdadeira Igreja, porque fundada desde os tempos apostólicos. Eles discutiram também a questão do cisma com tanto zelo religioso para a busca da unidade⁴⁶.

Agostinho procurou acolher os sacerdotes provenientes do donatismo, que desejavam assumir o catolicismo. Em uma de suas cartas, diz que nos donatistas detesta a sua discórdia na qual se tornaram cismáticos ou heréticos, porque não conservam nem a unidade nem a verdade da Igreja católica. Por essas atitudes, há a condenação, por não manterem a paz com o povo de Deus e que está em toda a face da terra e também pelo fato de não reconhecerem o batismo de Cristo nas pessoas já batizadas. Se há uma admoestação na parte deles, Agostinho reconhece o mesmo Deus que eles honram e por isso desejava ganhá-los para Deus, mediante a caridade de Cristo, a fim de que os sacramentos, que foram dados fora da Igreja (batismo e sacerdócio), na paz da Igreja os tenha para a salvação. Desta forma, ele almejava que a paz de Cristo reine nas pessoas através da caridade⁴⁷. Assim o bispo africano foi um homem que trabalhou pela unidade da Igreja no norte africano.

No IV século, houve também a controvérsia ariana a qual dividia a Igreja sobretudo no Oriente. Alguns sinais de unidade se fizeram. O Bispo Alexandre de Alexandria alertou o presbítero herético,ÁRIO, para que voltasse à fé da Igreja, mas não o conseguiu. Então houve o primeiro Concílio ecumênico universal da Igreja, o de Nicéia, em 325. Ao convite de Constantino, um grande número de bispos se encontraram naquela cidade. Contra os argumentos arianos, o Concílio decidiu que o Filho não é uma criatura mas é Deus, como o Pai é Deus. Ele é consubstancial ao Pai de modo que a sua geração é compreendida na dimensão paterna, divina. O Filho é *homooúision* com o Pai, é eterno, como o Pai é eterno⁴⁸. Ainda que a controvérsia ariana continuasse por décadas, o Concílio

⁴⁶ Cf. *Idem*, 44, 1-4.12.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 61, 1.

⁴⁸ Cf. RUFINO. *Storia della Chiesa*, I, 5. Traduzione, Introduzione e Note a cura di L. DATTRINO. Roma: Città Nuova Editrice, 1986.

de Nicéia sempre será um ponto de unidade entre os cristãos e a fé na divindade do Filho de Deus.

Na controvérsia pneumatológica, perto dos anos 360, houve tentativas ecumênicas de reuniões entre os bispos, para encontrar um ponto de referência sobre a terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Os pneumatômacos negavam a divindade do Espírito Santo. Atanásio defendeu a divindade da terceira Pessoa da Santíssima Trindade. O Espírito Santo santifica as coisas e as pessoas e por isso não há dúvidas de que a sua natureza seja divina⁴⁹. Nesse tempo, Basílio também defendeu a divindade do Espírito Santo: ele é conumerado com as outras duas Pessoas, como o Pai e o Filho. Gregório de Nazianzo coloca o *homooúision*, o consubstancial ao Espírito Santo diante dos pneumatômacos: “O Espírito é Deus? Certamente. E então? É *homooúision*? Sim. Se é verdade que é Deus”⁵⁰. No Concílio de Constantinopla (381), se dirá que o Espírito Santo é Deus como o Pai é Deus e o Filho é Deus e todas as três Pessoas são *homooúisioi*, coeternas entre elas. A unidade entre os cristãos, a partir dessas decisões, não foi assumida por todos. Porém, era importante defender a fé cristã diante de grupos que radicalizaram certos aspectos da doutrina e que não andava em conformidade com toda a comunidade eclesial.

6 A questão cristológica

No século V, houve a questão cristológica. A Igreja procurou a unidade entre os seus membros. Teve bons resultados, mas nem sempre se conseguiu a totalidade. Uma divisão mais profunda como aquela de 1054 entre o Oriente e o Ocidente ainda não havia, mas algumas pequenas divisões se faziam. Tudo isso não era bom para o rebanho de Cristo e para a unidade de todos. Mas vejamos as questões suscitadas e a tentativa de buscar a unidade entre os membros da Igreja. Em 428, Nestório assumiu a cátedra de Constantinopla, enquanto Cirilo governava a Igreja de Alexandria. Em Constantinopla, havia dois grupos em referência à mariologia. Um primeiro grupo defendia que Maria foi mãe do homem Jesus, e o outro defendia a sua maternidade divina.

⁴⁹ Cf. ATANASIO. *Lettere a Serapione. Lo Spirito Santo*, I, 24, 3. Traduzione, Introduzione e Note a cura de E. CATTANEO. Roma: Città Nuova, 1986.

⁵⁰ GREGORIO NAZIANZENO. *I Cinque discorsi teologici, orazione* 31, 10. Traduzione, Introduzione e Note a cura de C. MORESCHINI. Roma: Città Nuova, 1999.

Nestório preferiu uma linha intermediária, ao afirmar que Maria é mãe de Cristo. Este aspecto ia contra a tradição que afirmava: ‘Maria é a mãe de Deus’. Este seria um primeiro ponto de sua controvérsia com Cirilo de Alexandria. Segundo: como ele era antioqueno, ele falava abertamente da Cristologia das duas naturezas em Cristo, a sua humanidade e a sua divindade. Esse aspecto favorecia a tradição eclesial, de sorte que ele não deveria ser condenado por essa doutrina. No entanto, o ponto que levantava dúvidas do qual os seus inimigos o agrediram era a insistência desse argumento e o pouco sentido à unidade da Pessoa de Jesus Cristo, de modo que aparecia mais a divisão do que a unidade.

Nestório era um que dividiu a Pessoa de Cristo? Pode ser que sim, pode ser que não. Ele queria fazer luz à pessoa de Cristo. Ele não queria fazer como os alexandrinos que exaltavam demais a natureza divina e davam pouco valor à natureza humana do Verbo. Nestório ressaltou a humanidade do Verbo. Se de fato ele nos salvou, ele dizia: ‘Jesus devia ser semelhante a nós em tudo menos no pecado’. Era esta a intenção do Patriarca de Constantinopla. Porém, o fato de ele levar em consideração esse ponto, não falou tanto da sua divindade. O que era o Verbo para ele? Onde está a unidade da sua Pessoa? Cirilo de Alexandria que, nos primeiros anos de seu episcopado, não valorizou tanto a alma humana em Cristo, após perceber a doutrina de Nestório começou a levá-la em consideração. Defendeu contra Nestório a divindade materna de Maria: Jesus é o Filho de Maria e Filho de Deus, de modo que Maria é mãe de Deus. Ele não podia ser só um simples homem. Este título (*Theotókos*) se justifica em Maria pelo fato de que ela gerou na carne o Filho de Deus, de modo que a maternidade é divina, não que o Filho tivesse uma mãe, porque ele é desde sempre junto ao Pai e é eterno como o Pai é eterno.

O Concílio de Éfeso aconteceu em 431, que não conduziu à unidade entre os bispos alexandrinos e os bispos antioquenos. Em 433, aconteceu um encontro entre as duas partes, chamado ‘a fórmula da unidade’, onde os antioquenos aceitaram a doutrina de Maria como mãe de Deus, e os alexandrinos aceitaram as duas naturezas em Cristo. Essa (Fórmula de União) afirmava a fé no Filho Unigênito de Deus, perfeito Deus e perfeito homem, consubstancial ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade. Há um só Cristo, Filho, Senhor. Colocava-se a fé na Virgem santa mãe de Deus, sendo o Verbo de Deus encarnado e feito homem tendo

unido a si mesmo, o templo assumido por ela⁵¹. A *Theótókos* havia triunfado⁵².

Na realidade, Cirilo insistia em Nestório sobre a unidade da Pessoa de Cristo. Deve-se dizer também que Cirilo usava um linguajar inconveniente que suscitava mal-entendidos. Ao invés de ressaltar a unidade da Pessoa em Cristo, ele falava da unidade das naturezas em Cristo, o que era um monofisismo. A intenção de Cirilo era boa, a defesa da unidade, mas o linguajar não possibilitava entendimentos da outra parte; os antioquenos insistiam sobre a diversidade das naturezas. As diversas cartas foram aumentando entre os dois Patriarcas até ocorrer o Concílio que não conduziu à unidade. Teodósio II fez o possível para unir os grupos, mas não o conseguiu. Nestório foi exilado e nunca mais voltou a Constantinopla. Ele morreu após 451.

Os últimos estudos patrísticos dizem que Nestório aceitou a Cristologia de Leão Magno, da unidade em Cristo e, é claro, as duas naturezas. Cirilo obteve o perdão do imperador e voltou à Alexandria. Essa paz acontecida em 433 durou por pouco tempo, porque, nos anos sucessivos, os alexandrinos não aceitaram as duas naturezas, aspecto proveniente dos antioquenos. Em 448, Eutiques divulgava esta doutrina: “Cristo tinha duas naturezas e com a união tinha uma somente, a natureza divina”. Mais uma vez o monofisismo parecia vencer no Oriente, negando dessa forma a natureza humana em Cristo. Tudo isso causou discussões, e Flaviano, Patriarca de Constantinopla, convocou um Sínodo onde excomungou Eutiques. O monge não se submeteu às decisões e pediu a Teodósio II, que era o Imperador, que convocasse um Sínodo geral. Esse aconteceu em 449, em Efêso, onde Eutiques, protegido por Dióscoro de Alexandria foi absolvido de heresia, e os antioquenos foram expulsos. Leão Magno disse que aquele Sínodo era de ladrões, pelo fato de não ter havido um juízo mas uma dominação da cristologia monofisista. A paz entre as duas partes de novo estava rompida. Teodósio II morre de uma forma inesperada, em 450, e Marciano assumiu o Império. Ao perceber a divisão das Igrejas, esse convocou, em 451, um Concílio ecumênico em Calcedônia. Buscava-se a unidade entre as duas partes, entre os dois modos de ver Jesus Cristo.

⁵¹ Cf. CONCILIORUM OECOMENICORUM DECRETA, a cura dell’Istituto per le Scienze religiose. Bologna: Edizione Dehoniane, 1991, p. 69-70.

⁵² Cf. J. COMBY. *Para ler a História da Igreja I. Das Origens ao século XV*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 97.

O *Tomus ad Flavianum*⁵³ foi lido no Concílio, onde todos os bispos conciliares aplaudiram-no, porque colocava a cristologia conforme a tradição eclesial. Entende-se a unidade de Pessoa, como próprio de cada uma das duas naturezas; o Filho do Homem é aquele que desceu do céu enquanto foi o Filho de Deus que assumiu a carne da Virgem. Leão coloca o mistério da encarnação em relação profunda com o mistério pascal. As aparições do Ressuscitado constataam que as propriedades da natureza divina e da humana permaneciam nele; o Verbo e a carne constituem um só Filho de Deus. Assim Eutiques deveria reconhecer que na glória da ressurreição tem a nossa natureza. Não se pode dividir Cristo: quem o faz vai contra o próprio Cristo.

Na realidade, a cristologia de Leão Magno foi assumida pelo mesmo Concílio: Jesus Cristo, único com o Pai e único conosco, em duas naturezas, humana e divina, sem confusão e sem divisão. A fórmula de Calcedônia contemplava a unidade, aspecto bem frisado pelos alexandrinos, sobretudo Cirilo, e as duas naturezas, aspecto bem presente nos antioquenos. Parecia que tudo andava bem com as decisões do Concílio, uma vez que essas contemplavam as duas Escolas cristológicas. O debate cristológico continuará por mais dois séculos. Os alexandrinos farão o possível para dizer que em Cristo há somente uma natureza. Leão Magno procurou a unidade na Igreja do Oriente: a *Communio Ecclesiarum*, a comunhão das Igrejas.

7 A questão dos três capítulos

A questão cristológica prosseguiu com a condenação dos três capítulos, em 553, pelo II Concílio de Constantinopla, onde os antioquenos, Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto de Ciro e Ibas de Edessa, foram condenados como pessoas ligadas a Nestório, aquele que dividiu a Pessoa de Cristo. Esses três bispos, que morreram em paz com a Igreja e foram considerados ortodoxos, em seu tempo, um século mais tarde eram heréticos. Certamente houve injustiças para esses bispos, que amaram a Igreja e o seu povo.

Facundo de Hermiane defendeu os três capítulos, isto é, os três bispos condenados. Ele interpreta a fé de Justiniano, que era também a sua, no sentido de que Maria é a Mãe do Filho de Deus. Jesus Cristo

⁵³ Cf. XXXVIII Carta. *Tomo a Flaviano*. In: *Sermões de Leão Magno*. São Paulo: Paulus, 1996.

é único com o Pai, consubstancial a ele, segundo a divindade e consubstancial a nós, segundo a humanidade. Ele é perfeito na divindade e perfeito na humanidade. Tudo isso estava em conformidade com o Concílio de Calcedônia (451) do qual esses bispos frisavam as duas naturezas⁵⁴. Se alguns queriam uma purificação de nestorianismo, naquele Concílio, havia o perigo de colocar em dúvidas a autoridade do próprio Concílio. Parecia mais uma vez que o monofisismo venceria as coisas, o acento que Jesus era de natureza divina em detrimento da humana.

No século VII, há a figura de Sérgio de Constantinopla, que falava de Cristo: uma única energia e depois única vontade. Tudo isso causou discussões até chegar ao III Concílio de Constantinopla (680/681), onde se diz que em Cristo há duas energias e duas vontades, porque essas provêm das duas naturezas de Cristo. Tais aspectos estavam em união com o Concílio de Calcedônia, 451. A questão cristológica esteve presente nesses séculos, que suscitou pequenas divisões, de modo que não andavam conforme a unidade dos cristãos. A discussão sobre a Pessoa de Cristo era fundamental para chegar à verdade, como aconteceu em Nicéia e também em Calcedônia. No entanto, a radicalização dos grupos, das Escolas não possibilitava a causa importante: a unidade dos membros da Igreja, dos seguidores do Senhor Jesus. Juliano, imperador romano de 361-363, apóstata, admirava os cristãos nas obras de caridade para com todos, não somente aos cristãos, mas também aos pagãos; porém, dizia que a desunião não era uma coisa boa entre os mesmos. Deve-se dizer que a Igreja fez o possível para se chegar sempre *ad unum consensum* entre as partes separadas.

Conclusão

O ecumenismo nos Padres nos ilumina hoje para superar as divisões entre os cristãos. Eles trabalharam para a unidade dos membros em Jesus Cristo e da fé na salvação operada por ele. Se, para eles, a divisão não possibilita elogios, encontros fraternos, menos também para nós. Assim a unidade é o fator que dá condições para sentar juntos, para a superação de aspectos doutrinários que separam os cristãos. Ainda hoje, Cristo reza ao Pai, para que haja um só rebanho e um só pastor (cf. *Jo* 10, 16),

⁵⁴ Cf. F. di ERMIANE. *Difesa dei tre capitoli/1*, I, 3. Introduzione, Traduzione e Note a cura di S. PETRI. Roma: Città Nuova, 2007.

que é Ele mesmo. Se, nos Padres da Igreja, houve a busca da unidade, através das discussões, os Concílios, hoje nós podemos caminhar na mesma direção. Nestes últimos anos, se fez bastante pela unidade dos cristãos: a retirada das excomunhões entre as Igrejas, aspectos doutrinários estão sendo feitos juntos, campanhas da fraternidade, no tempo da quaresma, orações em comum reunindo os líderes religiosos. Se aquilo que ainda nos divide não possibilita uma união integral, no entanto o que une as Igrejas aponta para a vida, para a luta da justiça e do amor. Uma luz aparece na escuridão da divisão nos séculos passados. Sob a luz do Espírito de Deus, o povo de Deus, sacerdotes, bispos, podem buscar e viver em suas Igrejas a unidade como testemunho para o mundo e aos outros cristãos. Enquanto princípio de vida *ad intra* e *ad extra*, o ecumenismo busca a unidade como realização da vontade do Pai.

VITAL CORBELLINI
E-mail: vital.corbellini@pucls.br